

MENDICÂNCIA EM MOVIMENTO

Joathan Alves da Silva¹

Resumo

Inúmeras são as iniciativas sociorreligiosas desenvolvidas ao longo dos séculos na igreja católica. Diante disso, este ensaio objetiva-se por analisar as contribuições que o Movimento Mendicante desenvolveu no cenário medieval, assim como evidenciar, partindo da premissa histórica, as experiências externas que colaboram com tal movimento. A pesquisa bibliográfica que propomos, toma como base Le Goff (2005), Barros (2010), Franco (s.d.), Kearns (1999), assim como outros que investigam a vida eclesiástica, religiosa e consagrada. Seguindo este itinerário, procuramos salientar a crítica socioeclesial deixada por estes movimentos, bem como suas contribuições, demonstrando o florescimento de uma nova ideia na cristandade medieval.

Palavras-chave: Cristandade. Vida Religiosa. Mendicantes. Medieval.

1 INTRODUÇÃO

Este ensaio se debruça sobre o Movimento Mendicante, visa colaborar com as discussões envolvendo nosso objeto, que impulsionou a fé na Cristandade medieval. Intencionamos elencar elementos que são característicos da vida religiosa consagrada, e historicamente contribuem para o arquétipo do movimento que discutiremos. Para tanto, revisitaremos as bibliografias que tratam sobre tal temática, entendendo que “será necessário retomar incessantemente a História, levando em consideração novas questões e novos conhecimentos” (Prost, 1996, p. 81).

A relevância dos Movimentos Mendicantes decorre na mudança de paradigma da vida religiosa, que neste período transita do monacal ao mendicante. “Utilizou novos métodos de apostolado. Rompendo com o isolamento do monaquismo anterior” (Le Goff, 2005, p. 124). Desenvolvendo

¹ Graduado em História (UNP); graduando de Pedagogia (UNICAP); bolsista de Iniciação Científica PIBIC (FASA/UNICAP); joathan.00000848088@unicap.br

na sociedade medieval outras maneiras de vivenciar a fé. Por isso, objetivamos neste trabalho, demonstrar como o desenvolvimento da igreja primitiva, no enveredar dos séculos, contribui para o período em que os Movimentos Mendicantes se destacam, enfatizando as contribuições sociorreligiosas deste mesmo Movimento.

Portanto, na nossa revisão bibliográfica, resolvemos nos apropriar de Barros (2007-2008; 2010), Franco (2007), Kearns (1999), Küng (2002), Le Goff (2005), Rocha ([20--?]), assim como outros, que colaboraram neste itinerário e que trazem elementos valiosos ao que nos propomos debater. Acreditamos, com isso, que estas poucas páginas contribuam de alguma forma com nosso objeto, empreendendo um esforço para enriquecer ainda mais essa discussão histórica de relevância social e religiosa.

2 COMPILADO HISTÓRICO

Nosso recorte temporal se dá na baixa idade média, no contexto de mudanças que marcam esse período, e envolve a fundação das ordens de São Francisco (1209) e São Domingos (1216). Assim, queremos nas linhas que seguem, descrever de modo sucinto o desenvolvimento da vida religiosa no contexto de história eclesiástica, em culminância com o movimento que discutiremos, compreendendo que “não é de hoje que a cronologia desempenha um papel essencial como fio condutor e ciência auxiliar da história” (Le Goff, 1990, p. 12). Neste sentido, a cronologia histórica auxiliará na narrativa que desenvolveremos.

2.1 Vida consagrada: Fuga Mundi

O início do cristianismo se deu em contexto de perseguição, “o grande sinal da radicalidade na fé, no início da igreja, foram os mártires. O que mais atraía outros para abraçar a fé cristã eram os mártires” (Kearns, 1999, p. 17). A fé amparava-se nas testemunhas que doavam sua vida até a morte. “Ser cristão significava em princípio estar pronto para *martyrein*, para ‘ser testemunha’ da crença cristã – dispondo-se a ser discriminado, sofrer, ser

torturado e, na verdade, a morrer” (Küng, 2002, p. 51). Com o Edito de Milão, o cristianismo deixa de ser perseguido. Essa aceitação pelo império romano fez com que a efervescência religiosa perdesse um pouco seu vigor. “Negativamente a fé perdeu seu primeiro amor, o desejo de entregar a vida até as últimas consequências, houve sinais de corrupção na própria igreja, [...] acabou qualquer sinal de radicalidade da fé na igreja [...]” (Kearns, 1999, p. 17).

Perante isso, surgem os primeiros sinais que vão direcionar à vida religiosa. Esse estilo de vida surge a partir dessa mudança na igreja primitiva. A cristandade carece de sinais visíveis. Sentindo necessidade de testemunhos mais consistentes, diante de um modelo de sociedade que não abria espaço para este ideal, e da institucionalização da igreja, alguns cristãos “fugiram para o ‘deserto’ para viver seu batismo na radicalidade” (Kearns, 1999, p. 17). A concretização desses fatores se incorpora na opção que estes homens e mulheres fizeram ao deixar suas realidades. Molda-se o que depois vai se tornar conhecido como vida religiosa. “O estado da vida consagrada aparece, portanto, como uma das maneiras de conhecer uma consagração ‘mais íntima’, que se radica no batismo e se dedica totalmente a Deus” (CIC², 2000, p. 262).

Observa-se, a partir do contexto geográfico, que a localização dessas comunidades religiosas acaba atraindo aos seus arredores pessoas e famílias, que se afeiçoavam pela vivência empreendida por estes homens e mulheres, este espaço físico, isto é, a casa religiosa, é também espaço sagrado, lugar de proximidade com o divino. Le Goff, apud Franco (2007, p. 2), reitera que o estudo desse estilo de vida nos ajuda a compreender, do ponto de vista historiográfico, a caminhada ocidental sociorreligiosa. “Como compreender a nossa civilização, a nossa história, a nossa sensibilidade sem a memória, os testemunhos das histórias destes ‘loucos de Deus’ que escolheram a solidão?”. Tocante a isto, Franco (2007, p. 4) define os fiéis que optavam pelo deserto a partir de duas características. Uns eram Cenobitas,

² Catecismo da Igreja Católica.

isto é, viviam uma vida de solidão em Deus, porém, junto a uma comunidade religiosa, já outros eram eremitas, optavam pelo isolamento. Na evolução histórica, constatamos o estabelecimento do primeiro modelo, como se o segundo fosse um estágio superado, que se concretiza na vida monástica, contudo, observamos, que apesar do crescimento das comunidades cenobitas, um modelo de vida religiosa não elimina o outro, neste embate, alguns prevalecem sobre os outros, mas ambos buscam viver seus ideais, a partir de suas realidades.

2.2 Entre reformas e heresias

Analisando a narrativa histórica que envolve o catolicismo, observamos que “a história da Igreja Católica é entendida como um processo orgânico de maturação e disseminação” (Küng, 2002, p. 19). Para o autor, esse processo se perfaz na propagação. Neste sentido, consideramos que a notoriedade da vida monástica se evidencia por protagonizar um papel propagador da cristandade. Sua hegemonia é evidenciada através de sua solidificação, maturada ao longo dos séculos, se dissipando na temporalidade e intervindo na atualidade da vida religiosa, litúrgica e eclesial. Na idade média vivencia-se seu apogeu.

O florescimento da vida monástica durante a Idade Média vai marcar indefectivelmente a história da cultura e da sociedade ocidental, na medida em que os mosteiros foram os grandes centros promotores de educação, de cultura, de espiritualidade e, paradoxalmente, de produção de riqueza (Franco, 2007, p. 5).

Mediante o exposto, constatamos o monopólio da vida religiosa estruturado a partir do monaquismo, os mosteiros, “agora ficavam cada vez mais numerosos no ocidente” (Küng, 2002, p. 94). O estabelecimento de um único modelo de vida para religiosos, expresso no monaquismo, dar abertura a movimentos que fogem ao controle institucional, “uma Igreja pode tentar realizar certos objetivos ou mudar em certos sentidos, mas o processo histórico causa muitas vezes mudanças que não foram nem antecipadas, nem desejadas” (Mainwaring, 1989, p. 42).

Cabe aqui ressaltar que a sociedade medieval sobre a qual Francisco e Domingos estão inseridos está em transformação, e diante de tal cenário, “a igreja foi a primeira a se transformar” (Le Goff, 2005, p. 26). Neste sentido, é notório a tentativa de atualização eclesial vinda com o movimento canônico e a reforma gregoriana, no pontificado de Gregório VII. Tal reforma representa a aspiração a uma volta às origens (Le Goff, 2005, p. 27), buscando livrar a igreja da interferência laica, além da fundação de novas ordens, muitas dessas adotando a regra de Santo Agostinho à sua realidade, pois essa “permite aos cônegos agostinianos combinarem a vida comum, a ascese individual e o apostolado paroquial” (Le Goff, 2005, p. 28-29).

Mesmo com as tentativas de reformas que citamos, Le Goff observar que “na verdade, apesar desse esforço de *aggiornamento*, a igreja continua, no início do século XIII, prisioneira de antigos e novos fardos” (Le Goff, 2005, p. 33), descritos pelo autor como, “o enriquecimento, a exploração dos conversos, o afundar-se no atoleiro rural, o juridicismo estéril de um direito canônico avassalador, o início da degenerescência burocrática do papado e da cúria romana” (Le Goff, 2005, p. 33). Diante de tal cenário, constata-se um ambiente próprio para certas divisões, e os movimentos heréticos surgidos, neste período, são frutos dessa estagnação eclesial, portanto, neste enredo sociorreligioso, “o movimento franciscano é, sem dúvida, um dos elementos centrais para se entender a sociedade, a cultura e sobretudo a religiosidade da cristandade latina” (Camacho, 2012, p. 114).

Desde o início do cristianismo, observam-se as discordâncias entre os diversos grupos que o compõe, e as heresias surgem deste embate, como divergências dentro do cristianismo, em oposição a um pensamento eclesiástico (Barros, 2010, p. 4). Neste ponto, precisamos frisar alguns movimentos heréticos que antecederam ao ideal de pobreza que propomos observar neste trabalho, entre os quais, destacamos, begardos e beguinas, umiliati, bogomilos, valdenses e cátaros. Segundo Barros (2010, p. 4) algumas dessas heresias já prenunciavam a Reforma Protestante do século XVI, e ainda Duby apud Barros (2010, p. 4) afirma, “todo herético tornou-se tal por

decisão das autoridades ortodoxas. Ele é antes de tudo um herético aos olhos dos outros". Estes, alinhavam-se aos Movimentos Mendicantes na busca por uma vida simples, contrapondo a ostentação e opulência eclesiástica, contudo, "nos movimentos paupertários, a pobreza assumia a forma agressiva da mendicância" (Rocha, [20--?], p. 6).

3 MOVIMENTOS MENDICANTES: RENOVAÇÃO ATRAVÉS DA POBREZA

No cenário evidenciado nas linhas anteriores, repleto de dicotomias, surge Francisco, "foi assim que o Senhor concedeu a mim, Frei Francisco, iniciar uma vida de penitência: [...] parecia-me deveras insuportável olhar para leprosos. E o Senhor mesmo me conduziu entre eles, e eu tive misericórdia com eles" (Binder, 1988, p. 167). Para Le Goff, "o beijo do leproso fez entrar na vida o tema da repugnância vencida, da caridade para com os que sofrem [...] Entrou também na vida de Francisco o serviço para os mais infelizes, para os mais pequeninos" (2005, p. 67). Energicamente, percebemos que essa distância entre seres humanos vivenciada no excerto, bem como sua experiência de guerra e prisão em Perúgia (2005, p. 15), molda o homem conhecido em todo o mundo por seu amor à senhora pobreza.

Estes primeiros mendicantes assumem, uma atenção particular aos apelos sociais, um direcionamento sociorreligioso na perspectiva própria da época. Sobre estes, Le Goff retoma, "[...] Francisco e Domingos, dentro de um mesmo espírito, mas com estilos diferentes, buscaram trazer soluções para o mesmo problema: num mundo em mutação, abrir para os homens novos caminhos no sentido da salvação" (2005, p. 81). Na experiência de Domingos, a necessidade de uma pregação consistente que falasse através de palavras, quanto por meio de obras, visto que os ataques dos heréticos eram sempre em torno da vivência moral dos clérigos. As duas introduzem uma forma de vida em que os leigos se sentissem contemplados, pois "as aspirações dos leigos a uma vida cristã mais perfeita deram uma resposta inédita, com a fundação das Ordens Terceiras" (Rocha, [20--?], p. 4), ou seja,

a criação de associações de leigos que buscam viver, em sua realidade familiar (ou não) o carisma específico de uma ordem religiosa. Ainda sobre as ordens mendicantes, Bento XVI (2010) ainda considera: “elas foram chamadas assim, pela sua característica de ‘mendigar’, ou seja, de recorrer humildemente ao sustento econômico das pessoas para viver o voto da pobreza e desempenhar a sua missão evangelizadora”.

A crítica à riqueza vista aos moldes dos respectivos fundadores se ampara no evangelho, “o maior impacto que os mendicantes provocaram na Igreja e na sociedade do seu tempo foi a pobreza, tratada [...] como a condição institucional do Reino de Deus neste mundo” (Rocha, [20--?], p. 5). Nessa pobreza se experimenta a identificação/imitação com Jesus, pobre entre os pobres. “Evidentemente, nem São Francisco, nem São Domingos tiveram a consciência nítida de fazer uma opção contra um regime econômico. Mas viveram esta opção” (Rocha, [20--?], p. 6).

Análogo a isto, os pauperistas da Idade Média se assemelham com nosso objeto de estudo, no sentido que ambos buscaram uma vivência evangélica no contato direto com o povo, de maneira pobre, e na crítica à estrutura opulenta das antigas ordens, bem como da instituição eclesial. Contudo, diferem categoricamente no tocante à obediência à igreja, a maneira de criticar a instituição. Enquanto os movimentos heréticos o fazem diretamente, atacando vorazmente a igreja, os mendicantes o fazem no silêncio, na vivência daquilo que acreditam ser a fidelidade ao evangelho, não na imposição de uns sobre os outros, mas na vivência particular. Adotando uma postura social e pobre, que escancarava a maneira com que muitos religiosos viviam, ostentando riqueza (Veiga, 2022). Contribuindo novamente, Bento XVI reafirma:

[...] os Franciscanos e os Dominicanos tornaram-se os animadores espirituais da cidade medieval. [...] as Ordens Mendicantes abandonaram o princípio de estabilidade, clássico do monaquismo antigo, para escolher outro modo. Menores e Pregadores viajavam de um lugar para outro, com fervor missionário (2010).

Com ousadia e coragem, e talvez sem nem compreender o que

iniciaram, Domingos e Francisco se complementam no ideal paupérrimo, suas ordens podem até seguir apostolados diferentes, todavia o desejo de renovação eclesial é próprio dos dois, que mesmo diante dos desafios de seu tempo não desanimam do que haviam iniciado. Percebe-se uma ação mística e divina em torno deste movimento, que supera a temporalidade e se apresenta hoje a nós.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findados mais de 800 anos desde os eventos que envolveram Francisco de Assis e Domingos de Gusmão, a cristandade continua de pé, com suas necessidades e aflições próprias da época, bem como as ordens dos santos em questão.

Os desafios do tempo presente são outros, as “heresias” de hoje são outras, podemos dizer que a igreja de hoje é outra, pois nenhuma instituição pode parar no tempo, a adaptação e a mudança fazem parte do processo inerente a tudo e a todos que ousamos chamar de História.

O ideal de vida iniciado com o movimento mendicante, e que depois outras ordens vão assumir para si remodela as estruturas sociais e eclesiais da época, onde a estabilidade “prendia” o religioso (monge) ao claustro, este aspecto é superado neste novo contexto. Na afirmação de que “o seu claustro é o mundo”, estes frades ousaram anunciar o Evangelho, no despojamento de si, interpelando a igreja sobre as reais necessidades do testemunho evangélico.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. *Heresias na idade média: considerações sobre as fontes e discussão historiográfica*. Revista Brasileira de História das Religiões, (Rio de Janeiro): ANPUH, Ano II, n. 6, fev. 2010 - ISSN 1983-2850. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30307/15896> . Acesso em: 03, out. 2024.

BENTO XVI, Papa. *Audiência Geral: As Ordens Mendicantes*. Vatican.va.

(Vaticano): 2010. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2010/documents/hf_ben-xvi_aud_20100113.html. Acesso em: 16, nov. 2022.

BINDER, Edmundo. Os escritos de São Francisco de Assis. In: SILVEIRA, Ildelfonso; REIS, Orlando (Org.). *São Francisco de Assis: Escritos e biografias de São Francisco de Assis – Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

CAMACHO, Victor Mariano. Os Frades Menores e a Cúria Romana na primeira metade do século XIII: Uma discussão historiográfica. *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, Ano 1, Número 2, p. (112-128), janeiro - julho de 2012. Disponível em: https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/271/pdf_251. Acesso em: 09 out. 2024.

FRANCO, José Eduardo. Das ordens as congregações religiosas: Metamorfoses da vida consagrada católica. Lisboa, 2007. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 16: p. 255-269. Disponível em: https://www.nch.pt/biblioteca-virtual/bol-nch16/255-269_congregacoes-religiosas.pdf. Acesso em: 09 out. 2024.

CATECISMO da Igreja Católica (CIC). São Paulo: Loyola, 2000.

KEARNS, Lourenço. *A Teologia da Vida Consagrada*. Aparecida, SP: Santuário, 1999.

KÜNG, Hans. *A igreja católica*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: UNICAMP, 1990. Disponível em: <http://memorial.trt11.jus.br/wp-content/uploads/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2022.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROCHA, Matheus. *As Origens da Ordem dos Pregadores*. São Paulo: Província Frei Bartolomeu de Las Casas, [20--?]. Disponível em:

https://www.dominicanos.org.br/_files/ugd/c60e2c_b25b073ff83e488fab0a1b00433ad821.pdf. Acesso em: 09 out. 2024.

VEIGA, Edison. O que são as ordens mendicantes na igreja, que cuidam dos pobres desde a idade média. *BBC*. Bled, Slovênia: 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63385222#:>. Acesso em: 16, nov. 2022.